

# ***Hermenêutica aplicada ao estudo da escatologia bíblica: a contribuição de Santo Agostinho no debate a respeito do milênio***

GILSON SOUZA VALENTIM<sup>1</sup>  
GERSON LUIS LINDEN<sup>2</sup>

## **RESUMO**

*Agostinho (354-430), em seu escrito A Cidade de Deus, propõe uma visão de história que reconhece a ação de Deus na manutenção da Sua cidade, edificada ao lado da cidade do mundo. Agostinho trata dos textos bíblicos referentes ao fim do mundo e à inauguração do reino de Deus. Texto chave é o vigésimo capítulo do livro de Apocalipse, que anuncia um tempo de mil anos em que Satanás é aprisionado. Agostinho interpreta o “milênio” de forma não literal, no que se refere à duração, como sendo o tempo em que Satanás, dominado por Cristo, somente tem domínio sobre os que rejeitam a governo de Deus. Neste tempo os cristãos continuam a viver na sociedade, estando no mundo, mas não pertencendo a ele, pois sua ligação é com a cidade de Deus.*

**Palavras-chave:** Escatologia, Agostinho, milênio, Cidade de Deus.

## **ABSTRACT**

*Augustine of Hippo (354-430), in his City of God, proposes a vision of History that recognizes God's action maintaining His city, which is built side by side with world's city. Augustine considers biblical passages that deal with the end of the world and the inauguration of the God's kingdom. A key text is the 20th*

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Teologia/ULBRA – Aluno voluntário no PROICT/ULBRA

<sup>2</sup> Professor – Orientador do Curso de Teologia/ULBRA (linden@ulbra.br)

*chapter of Revelation, that announces thousand years when Satan is imprisoned. Augustine interprets the "millennium" in a non literal way, in its duration, as being the time when Satan, dominated by Christ, has only dominium upon those who reject God's rule. During this time, Christian continue to live in society, being in the world, not belonging to the world, since their connection is with God's city.*

**Key words:** Eschatology, Augustine, millennium, City of God.

## **INTRODUÇÃO**

O estudo a seguir procura dar uma contribuição ao campo da Hermenêutica teológica, especificamente no que se refere ao ensino a respeito da vinda do reino de Deus. O assunto é significativo, dada a importância da hermenêutica para a Teologia, bem como pelas implicações trazidas pela Escatologia para a Teologia e para a vida da Igreja cristã. A Escatologia trata da reflexão teológica a respeito das coisas do fim, ou melhor, dos fatos de importância última para a humanidade. O estudo focaliza a obra de Agostinho (354-430), bispo de Hipona, norte da África. De maneira especial é verificada a contribuição do seu escrito, *De Civitate Dei* (A Cidade de Deus), em que o autor propõe uma visão de história que reconhece a ação de Deus na manutenção da Sua cidade, edificada ao lado da cidade do mundo.

Um tema específico para estudo é a natureza do assim chamado "milênio", anunciado pelo apóstolo João no livro de Apocalipse. Sobre este tema, a história da Igreja cristã tem mostrado posicionamentos bastante divergentes, manifestos ainda hoje. Com o presente estudo, pretendemos conhecer as mais significativas propostas de compreensão do tema, trazendo então a análise proporcionada por Santo Agostinho à questão.

## **AGOSTINHO: FILÓSOFO E TEÓLOGO**

Durante toda a Idade Média nenhum teólogo foi mais citado do que Agostinho. Seu nome completo era Aurélio Agostinho. Nasceu no dia 13 de Novembro de 354 d.C., no povoado de Tagaste, no norte da África. Era filho de Patrício, um funcionário do governo romano e que era pagão, e de Mônica, uma cristã fervorosa. Na verdade, desde cedo, Agostinho recebeu educação cristã de sua mãe. Porém sua conversão, conforme ele próprio se refere a ela, e seu batismo só aconteceriam anos depois.

Agostinho era dotado de uma inteligência singular. Conforme GONZÁLEZ (1995, p. 165):

Seja como for, os pais de Agostinho sabiam que seu filho tinha uma inteligência pouco comum, e por isso se esmeraram em oferecer-lhe a melhor educação disponível.

Assim, os pais de Agostinho enviaram-no para a cidade de Madaura e depois, em 371 d.C., para Cartago, no anseio de oferecer ao filho a melhor educação possível. Em Cartago, mesmo não se descuidando dos estudos da retórica, conviveu com uma mulher, com quem teve seu único filho, Adeodato.

No século anterior, a África teve outros importantes pais da Igreja: Tertuliano e Cipriano.

“Do primeiro Agostinho possui a magia da palavra e a formação jurídica; do segundo, a alma pastoral.” (HAMMAN, p. 227)

Agostinho ansiava pela busca da verdade. Isso o levou primeiramente ao **maniqueísmo**, seita fundada na Pérsia por Mani, na primeira metade do século III, e que ensinava um dualismo muito mais radical que o gnosticismo. Desiludido com esta seita, Agostinho continuou sua busca pela verdade, através de outros caminhos.

Em 383 d.C, Agostinho viajou para Milão. Nesta cidade da Itália, entrou em contato com o **neoplatonismo**, doutrina muito popular na época. O objetivo principal dessa doutrina era vir a conhecer o “Um Inefável”, através do qual provinham todas as coisas. Também em Milão, Agostinho acabou conhecendo o famoso teólogo Ambrósio, que exerceu influência decisiva sobre ele. Através de Ambrósio, famoso também pelas suas pregações, Agostinho viu a riqueza das Escrituras. Em suas pregações, Ambrósio enfatizava a doutrina paulina da Justificação através do perdão dos pecados, o que foi de grande importância para Agostinho.

A pregação de Ambrósio ajudou Agostinho, entre outras coisas, por oferecer um método alegórico de interpretação da Bíblia, que lhe permitia por de lado certas passagens que considerava inaceitáveis.

Nesta época Agostinho ficou sabendo de outras pessoas, de elevada formação filosófica, que estavam abraçando a fé. Mário Vitorino, tradutor de obras neoplatônicas que Agostinho lera, se apresentou na Igreja em Roma para ser recebido por profissão de fé. Assim também Valentino, escritor neoplatônico, que havia influenciado Agostinho, também abraçara a fé (*Confissões* VIII 2).

Agostinho, porém, demorou algum tempo antes que sua conversão fosse efetuada, pois dentro dele travava-se uma batalha entre o querer e o não querer. Foi uma passagem da Escritura Sagrada que fez Agostinho abandonar sua vida mundana. Nas *Confissões* relata sua conversão. Em Milão, no jardim de sua casa, angustiado, ouve as palavras de um brinquedo entre crianças: “*Tolle, lege*” – Toma e lê! Então Agostinho lê Rm 13.13,14: “Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendas e ciúmes; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências”. Agostinho tinha 32 anos. Segundo WALKER (p. 233) a conversão aconteceu no fim do verão de 386.

Depois da sua conversão, Agostinho foi batizado em 387 d.C. por Ambrósio. Além disso, renunciou o cargo de professor de Retórica e, junto com um grupo de amigos e sua mãe Mônica, decidiu regressar para o norte da África. Durante a viagem, porém, sua mãe, Mônica, faleceu, o que o afetou por longo tempo. Chegando em Tagaste, Agostinho vendeu a maior parte das suas propriedades, deu o dinheiro aos pobres e se dedicou a uma vida disciplinada ao estudo, devoção e meditação.

Em 391 d.C, Agostinho visitou a cidade de Hipona, também localizada no norte da África. Ali, foi eleito presbítero pela congregação e, contra sua vontade, foi ordenado. Em 395 d.C, Agostinho se torna o bispo da mesma cidade, atuando junto com o bispo Valério. Permaneceu nesta função até sua morte, em 430 d.C, durante o cerco de Hipona pelos vândalos.

Como teólogo, muitas das primeiras obras de Agostinho eram dirigidas contra os maniqueus,

onde falava da autoridade das Escrituras, da origem do mal e do livre-arbítrio. Parte de sua tarefa teológica também foi refutar as heresias do **donatismo**, onde insistiu na validade dos sacramentos, independentemente da virtude moral de quem os administra. Mas foi contra os **pelagianos** que Agostinho escreveu suas obras teológicas mais importantes, enfatizando a doutrina do pecado e da graça divina.

Das suas obras, dois títulos são especiais: **As Confissões**, uma autobiografia, e **A Cidade de Deus**, que nos interessa especialmente para os propósitos deste estudo.

## **A Cidade de Deus**

**A Cidade de Deus** é uma das mais importantes obras escritas por Santo Agostinho de Hipona. Demorou muitos anos para ser escrita totalmente, sendo 412 d.C o ano inicial e 426 d.C o ano em que Agostinho finalmente concluiu-a. Como lembra Lacerda (2004, p. 47), **A Cidade de Deus** não foi um livro escrito por alguém no começo de sua carreira. Agostinho escreveu o livro num dos períodos mais produtivos de sua vida. O próprio Agostinho a chama, no Prefácio (AGOSTINHO, 2001, p. 27), de “magnum opus et arduum” (um trabalho imenso e árduo).

**A Cidade de Deus** está dividida em 22 livros. LACERDA (2004, pp 47,48) sugere a seguinte divisão a obra: na **Primeira Parte** temos a refutação ao paganismo (Livros I-X); e na **Segunda Parte**, de caráter dogmático, Agostinho dá uma visão cristã acerca da História (Livros XI-XXII).

Resta indagar por que Agostinho escreveu esta tão importante obra. Para responder esta pergunta, precisamos saber qual era o contexto

histórico em que Agostinho e sua obra estavam inseridos. Em 24 de Agosto de 410 d.C., os visigodos, liderados por Alarico, invadiram e saquearam a capital do já enfraquecido Império Romano. É bem verdade que, apesar desta queda, Roma ainda permanceceu em pé durante algumas décadas. Mas, quando a capital fora invadida em 410 d.C., as pessoas da cidade, naturalmente pagãos, começaram a colocar a culpa nos cristãos, acusando a religião cristã de ser a responsável pela queda da cidade. Segundo os pagãos, a partir do momento que o império deixou de adorar aos antigos deuses e adotou a religião cristã, as derrotas e as desgraças recaíram sobre o império. Diante disso, os cristãos precisavam responder às acusações e dúvidas levantadas pelo saque.

Um bom número de romanos ricos fugiu da cidade, indo para a região da Sicília e para o norte da África. Um bom número deles chegou a Hipona, a ponto de Agostinho exortar seu rebano a receber os refugiados com caridade. Não muito depois destes refugiados estarem estabelecidos em Cartago, alguns deles, dentre os mais intelectuais, começaram a refletir sobre se sua nova religião não deveria ser acusada pelo desastre sofrido por Roma e por eles. Afinal, seguia assim o argumento, Roma fora imune a domínio exterior por cerca de 800 anos; e agora, apenas duas décadas após o fim formal do culto público aos deuses pagãos (ordenado pelo imperador Teodósio em 391), a cidade caía sob os bárbaros. Talvez a acusação feita pelos pagãos, de que o Deus cristão, com idéias sobre voltar a outra face e dar pouco valor a impérios neste mundo, não fosse um guardião eficiente para o melhor interesse da classe dominante. A maior parte das pessoas que se dedicavam a estes pensamentos eram cristãos. O “paganismo” destas

peças não era o reviver da antiga religião, mas apenas a persistência daquela idéia antiga de religião como uma barganha que a pessoa tem com os deuses, a fim de preservar sua saúde e bens. Agostinho foi convidado a responder a estas acusações por um amigo, Marcelino, que estava na África para verificar a questão dos donatistas, para o imperador. Ele sabia que a questão ia além do porquê de Roma ter caído. Aqui estavam cristãos que ainda não estavam bem seguros do que o cristianismo realmente era, como ele diferia das religiões romanas que ele substituiu.

Conforme LACERDA (2004, p. 49), existe uma corrente de pensamento que afirma que *A Cidade de Deus* é uma obra de teologia da história incidentalmente relacionada com a queda de Roma. A despeito desta teoria, preferimos acreditar que o saque de Roma em 410 d.C., teve sim o seu impacto direto e não apenas incidental sobre a compilação do livro. Aliás, segundo LACERDA (2004, p. 49), a discussão sobre a possibilidade de Agostinho escrever *A Cidade de Deus* sem a queda de Roma não tem o menor fundamento, pois a obra foi escrita nesse contexto.

*A Cidade de Deus* foi escrita para combater as acusações dos pagãos, que colocavam a culpa no cristianismo pela queda de Roma. Contra estes, Agostinho refuta uma série de características do paganismo, apresentando os defeitos do Império Romano e arrasando a crença na superioridade do paganismo em providenciar felicidade neste mundo. Os primeiros livros, que serviam para consolar aqueles a quem os visigodos haviam amedrontado, foram publicados rapidamente e parece que fizeram bem o seu papel. Mas a obra como um todo veio em partes, mostrando uma visão ampla da história e do cristianismo. Conforme HAMMAN (1980, p.233), Agostinho “propõe, na *Cidade de Deus*, o pro-

blema dos dois poderes e da caducidade das civilizações, e desenvolve, pela primeira vez, uma filosofia cristã da história.”

Além disso, *A Cidade de Deus* representa um consolo para os cristãos, que sofrem por estarem num mundo que não é deles. Com essa finalidade, Agostinho deixa claro que existe um propósito divino no sofrimento. Os cristãos são aperfeiçoados pelos sofrimentos, pois os cristãos não são deste mundo. A Sua cidade não é a dos homens, deste mundo, mas os cristãos são cidadãos dos céus, da Cidade de Deus.

## **O Problema do Milênio**

“*A Cidade de Deus*” mostra o contraste entre duas cidades: a Cidade Terrena e a Cidade de Deus. Os cristãos, na verdade, estão no mundo, mas não são dele. Eles são como peregrinos, que estão aqui, vivem aqui, mas na verdade a sua pátria está nos céus. Às vezes passam por sofrimentos e privações que os levam a questionar a situação. Agostinho, porém, mostra que Deus sempre tem um propósito quando deixa os cristãos passarem por dificuldades. Na sua pátria, os cristãos passarão então pela perfeição e os sofrimentos e dificuldades acabarão. E isso ocorrerá somente quando Cristo, o Senhor da Igreja, enfim retornar. O assunto está diretamente ligado ao estabelecimento do reino de Deus no mundo e tem gerado, ao longo da história da Igreja cristã, diferentes posicionamentos.

Considerando-se a realidade atual, dentro do cristianismo, podem ser identificados três posicionamentos teológicos diferentes. A chave para cada um destes posicionamentos é a natureza do reino de Deus. Cada um deles considera de uma maneira bem específica a relação

entre a vinda de Cristo e o estabelecimento do reino de Deus no mundo. Um dos focos é o “milênio”, ao qual se refere João, no Apocalipse, capítulo 20, versículos 1 e 2: “E vi um anjo descendo do céu, tendo a chave do abismo e uma grande corrente na sua mão. E prendeu o dragão, a antiga serpente, a qual é o diabo e satanás, e o amarrou por mil anos.” Uma questão com a qual a Igreja se debateu (e continua se debatendo) é: Viria Jesus antes ou depois do estabelecimento de um reino “milénar” no mundo? E mais: estes “mil anos” são um tempo literal em que, dada a prisão de Satanás, nosso mundo desfrutaria de paz? Ou dever-se-ia entender aqueles mil anos como figurativos? O assunto não se resume unicamente à interpretação do milênio, mas gera todo um sistema teológico. O termo milênio é derivado das palavras latinas *Mille* = mil e *annus* = anos. Conforme FLOR (1998, pp. 41, 42), a questão mais ampla envolvida neste debate relaciona-se à visão de mundo não apenas no cristianismo:

A doutrina do milênio procura concretizar não apenas as esperanças de muitos cristãos, mas também adeptos de outras religiões no mundo. (...) No entanto, mais do que uma suposta doutrina bíblica, esta heresia encontra suas bases no desejo humano por um futuro melhor(...).

Três teorias atualmente procuram interpretar este milênio: o pré-milenarismo, pós-milenarismo e o amilenarismo.<sup>3</sup>

O *pré-milenarismo* ensina que Cristo voltará antes do milênio e irá instaurar nesta terra um

reinado de mil anos, após ressuscitar primeiramente todos os que creram em Cristo (primeira ressurreição). Cristo reinará com os crentes sobre toda a humanidade e o centro do seu reinado será a Palestina, com a capital em Jerusalém. Após este período, o restante dos mortos ressuscitará e acontecerá o Juízo Final. Os adeptos da tese pré-milenarista normalmente interpretam de forma literal os mil anos de Ap. 20. Além disso, esta corrente tende a apresentar uma visão pessimista da História. De uma forma geral, pode-se perceber que a sociedade é vista sob uma ótica negativa. Exemplo de uma postura assim pode ser vista de forma mais acentuada em alguns movimentos religiosos radicais no período da Reforma.

O *pós-milenarismo* traz uma visão diferente da anterior não apenas pela relação cronológica em relação à vinda de Cristo, que seria posterior ao estabelecimento do milênio. Ao invés de uma mudança radical, trata-se de um gradativo progresso nas condições de vida neste mundo, através de uma maior influência da palavra de Deus. Haveria, de acordo com esta posição, uma conversão de um número significativo de pessoas e um melhoramento das condições gerais de vida na sociedade. Diferentemente do pré-milenarismo radical, o pós-milenarismo abre espaço para uma participação muito efetiva do cristão e da Igreja na sociedade. Deve-se isto ao fato de ter uma postura otimista em relação às possibilidades de mudança das condições de vida na sociedade. Este posicionamento teológico não chega a ser característico de uma denominação religiosa específica. No entanto, é uma tendência que pode ser observada em manifestações de cristãos de diversas origens denominacionais. Para exemplificar, a “teologia da libertação” poderia sugerir uma postura pós-milenarista como visão de mundo.

<sup>3</sup> Para uma abordagem completa das diferentes posições teológicas a respeito da natureza do milênio, ver: ERICKSON, *Opções Contemporâneas na Escatologia*.

A explicação amilenarista oferece uma alternativa às anteriores. O *amilenarismo* interpreta de forma figurada os mil anos de Apocalipse 20. Ensina que não haverá um reino visível de mil anos na terra. Na verdade, os mil anos já iniciaram com a Primeira Vinda de Cristo. Clouse (1985, pp. 8,9) nos traz uma boa descrição do que significa os mil anos para os amilenaristas:

Os amilenistas (sic) mantêm que a Bíblia não prevê um período de paz e justiça universais antes do fim do mundo. Eles crêem que haverá um crescimento contínuo de bem e mal no mundo, que culminará na Segunda Vinda de Cristo (...) Os amilenistas (sic) crêem que o reino de Deus está presente agora no mundo, enquanto o Cristo vitorioso governa seu povo através de sua Palavra e Espírito, embora eles também vejam adiante um reino futuro, glorioso e perfeito, na nova terra na vida do porvir.

Agostinho é considerado como aquele que sistematizou a abordagem amilenarista, dando ao milênio um sentido figurativo e não temporal ou cronológico (ERICKSON, p. 64). Trataremos com mais detalhe da contribuição de Agostinho a seguir.

## **A Contribuição de Agostinho**

Examinando-se a *Cidade de Deus*, pode-se observar que Agostinho não tinha uma visão nem pessimista, nem otimista da História. Segundo ele, a História não acontece sozinha, como se nenhuma outra força estivesse por detrás dela. Agostinho acreditava que Deus guia a História e a utiliza para cumprir os seus desígnios. Por outro lado, Agostinho sabe e conhece

a fraqueza do Ser Humano e, em virtude desta fraqueza, o ser humano comete as mais diversas maldades. Por isso, a visão de Agostinho acerca da História é uma visão realista, em que o cidadão da Cidade de Deus não se esconde da vida no mundo, mas dela participa ativamente. Agostinho (2001, pp. 392,393) mesmo o diz, no décimo-nono livro de sua obra:

Nossa mais ampla acolhida à opinião de que a vida do sábio é vida de sociedade. Porque donde se originaria, como se desenvolveria e como alcançaria seu fim a Cidade de Deus... se não fosse vida social a vida dos santos?

Agostinho dedica uma espaço significativo para a discussão das questões referentes à segunda vinda de Cristo e os eventos a ela ligados. No vigésimo livro de sua monumental obra, o bispo de Hipona expõe sua interpretação do texto de João, em Apocalipse 20, propondo que os “mil anos” não devem ser interpretados de forma literal, mas num sentido figurado.

O bispo de Hipona se detém na questão do juízo final que, conforme enfatiza logo de início, é “final”, pois Deus julga desde o início (AGOSTINHO, p. 425). São diversos os textos bíblicos expostos com a finalidade de mostrar como será o último e definitivo juízo. Agostinho, porém, segue uma ordem bem própria de abordagem dos diferentes livros do cânone. Ele mesmo explica:

Respigarei, primeiro no Novo Testamento e depois no Antigo, os testemunhos, tomados das Sagradas Escrituras, que me propus aduzir, do juízo final. Embora o Antigo preceda o Novo em tempo, o Novo precede-o em autoridade, porque aquele não passa de prelúdio deste. (AGOSTINHO, p. 429)

Agostinho inicia pelo texto dos Evangelhos, mostrando as palavras do próprio Cristo a respeito das coisas do fim. Depois disto, passa a tratar, com mais detalhe, do texto de Apocalipse, discorrendo, após, sobre os textos dos apóstolos Pedro e Paulo, indo então para o Antigo Testamento, com os profetas Isaías, Daniel, Malaquias e o livro dos Salmos.

Imediatamente antes de entrar no texto de Apocalipse, Agostinho elucida o sentido das palavras de Jesus no Evangelho de João, ao falar de duas ressurreições. São elas, a primeira “segundo a fé, que agora se opera pelo batismo”, e a segunda aquela que ocorre “no juízo final” (Id., p. 434). Vem então a questão envolvendo a visão de João no Apocalipse. Citamos as palavras do apóstolo, objeto da exposição de Agostinho:

Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pos selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo. Vi também tronos e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e

santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos. (Apocalipse 20.1-6)

O interesse de Agostinho no texto de Apocalipse 20 inicia por indagar o que significariam as duas ressurreições mencionadas pelo apóstolo João. Na explicação, Agostinho se refere a uma interpretação corrente em seu tempo, de que se trataria, a primeira ressurreição, da ressurreição corporal, ao se completarem seis mil anos desde a criação do mundo. Viria então o “Sábado” de mil anos, onde haveria toda sorte de banquetes, comida e bebida, que Agostinho considera uma maneira carnal de entender o assunto. Aos que pensam daquela maneira, Agostinho chama de “*khiliastas*, palavra grega que literalmente podemos traduzir por milenaristas.” (Id., p. 435)

Para explicar o sentido do amarrar de Satanás, Agostinho alude à palavra de Jesus no Evangelho (Mateus 12.29), com a figura de alguém entrando na casa de um poderoso e amarrando-o, a fim de poder roubar-lhe os bens. Satanás é o forte, que enreda o ser humano com sua malícia. Ele teve de ser amarrado, isto é, “acorrentou-lhe o poder de seduzir e dominar os redimidos” (Id., p. 435). Assim sendo, a prisão de Satanás, relatada em Apocalipse 20, não é vista por Agostinho como um evento futuro ainda por ocorrer, mas um fato passado. Jesus Cristo, através de seu ministério terreno e a obra da redenção da humanidade, limitou o poder de Satanás, tirando-lhe o domínio sobre os povos.

A interpretação dos mil anos está diretamente ligada à posição a respeito da prisão de Satanás. Agostinho sugere duas possibilidades:

Ou porque isso há de passar-se nos mil últimos anos, quer dizer, no sexto milhar, como no sexto dia, cujos últimos agora transcorrem, para serem seguidos pelo sábado que não tem tarde, ou seja, pelo repouso dos santos, que não terá fim (e em tal sentido aqui chamaria mil anos à última parte deste tempo, como dia que dura até o fim do mundo, tomando a parte pelo todo) ou se serve dos mil anos para designar a duração do mundo, empregando número perfeito para denotar a plenitude do tempo... (Ibid.)

Em qualquer das alternativas sugeridas, Agostinho recusa-se a tratar os mil anos e o retorno de Cristo de maneira cronológica. Como mostra Daley (1994, p. 196), Agostinho manteve uma posição agnóstica “sobre o tempo do fim do mundo e cético até mesmo quanto às mais respeitáveis tentativas cristãs de calculá-lo a partir das Escrituras e dos eventos contemporâneos.” Já no livro décimo-oitavo de sua obra, Agostinho manifestara-se contrário a qualquer tentativa de estabelecer a data do fim. Ao citar um texto do apóstolo Paulo, em que este fala da destruição do anticristo, por ocasião do retorno de Cristo, ele observa:

Aqui é costume perguntar-se: Quando sucederá isto? Na verdade, trata-se de pergunta importuna. Porque se fosse útil sabê-lo, quem melhor do que o divino Mestre poderia dar a resposta aos discípulos... Em vão nos afanamos, pois, em determinar os anos restantes até o fim do mundo, pois ouvimos da boca da Verdade que não nos toca sabê-lo. (Id., p. 373)

Agostinho, pelo que se pode observar na exposição de Apocalipse 20, vê os dias presentes

como parte dos últimos dias. Em outras palavras, na sua visão, os mil anos estão já ocorrendo, fazendo parte do tempo em que a obra redentora de Cristo se faz manifestar, pelo fato do poder de Satanás estar limitado.

Uma das conseqüências do amarrar de Satanás por mil anos, segundo Agostinho, pode ser percebida na vida da Igreja cristã em todo o tempo entre a primeira vinda de Cristo e seu retorno para o juízo: “Todo dia vemos pessoas que, abandonando a infidelidade, se convertem à fé” (AGOSTINHO, p. 439).

## CONCLUSÃO

A irrupção do reino de Deus no mundo foi interpretada de formas diferentes já por parte dos pais da Igreja, nos primeiros séculos da era cristã. Diversos destes empregaram uma leitura “milenarista” do texto bíblico, sugerindo a vinda imediata do reino, com a plena transformação da sociedade, ainda antes do juízo final. Santo Agostinho, em seu escrito “A Cidade de Deus”, sugere uma visão de História em que Deus realiza seu reinar ativo no mundo mesmo antes do juízo final. Sua interpretação do “milênio” é figurativa. O milênio, na verdade, é uma figura do assim chamado “tempo da graça”, ou seja, o período em que a graça de Deus é anunciada ao mundo, neste período entre a primeira e a segunda vindas de Cristo.

Para o nosso tempo, em que o debate hermenêutico continua de uma maneira acentuada nos textos escatológicos, Santo Agostinho continua sendo uma referência importante. Seu posicionamento, caracterizado como amilenarista, proporciona um significado dinâmico ao reino de

Deus, ou seja, este reino está ativo na História, através do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. Os cidadãos da Cidade de Deus, vivendo ainda neste mundo, não têm motivo de se esconder. Sua vocação é a atuação firme na vida da sociedade, como testemunhas do amor de Deus, revelado em Cristo e manifestado de maneira especial no aprisionamento de Satanás. Isto faz do tempo presente um tempo de oportunidade para todos aqueles que, a exemplo de Agostinho, aguardam com expectativa a revelação plena do Reino de Deus no retorno de Cristo, mas já vivem, pela fé, neste reino de graça e amor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **A Cidade de Deus** – Contra os Pagãos. Tradução de Oscar Paes Leme. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

COUSE, Robert G. Ed. **Milênio: Significado e Interpretações**. Campinas: Luz para o Caminho, 1985.

DALEY, Brian E. **Origens da Escatologia Cristã**. Tradução de Paulo D. Siepierski. São Paulo: Paulus, 1994.

FIESER, James (Ed). **The Internet Encyclopedia of Philosophy**, 2004. Disponível em: <http://www.utm.edu/research/iep/a/augustin.htm>

FLOR, Paulo F. O Milenismo à Luz de Apocalipse 20.1-10. **Vox Concordiana**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 41-61, 1998.

GONZALEZ, Justo L. **Uma História Ilustrada do Cristianismo** – Vol. 4: A Era dos Gigantes. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HAMMAN, A. **Os padres da Igreja**. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1980.

HAEGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Tradução de Mário L. Rehfeldt e Gládis K. Rehfeldt. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

LINDEN, Gerson Luis. Milenarismo ao Longo da História da Igreja à Luz do Artigo XVII da Confissão de Augsburg. **Theophilos**, Canoas, v. 2, n. 2, p. 53-77, 2002.

MENDELSON, Michael. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/entries/augustine/#6>

O'DONNELL, James J. **Augustine the African**. Disponível em: <http://ccat.sas.upenn.edu/jod/augustine.html>

WALKER, Willinston. **História da Igreja Cristã**. Tradução de D. Glênio Vergara dos Santos e N. Duval da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1980.